



Soltando o verbo: interlocuções entre Jornalismo popular-alternativo e movimentações de juventude contemporânea.¹

Francisco das Chagas Alexandre Nunes de Sousa²

Faculdade de Ciências Aplicadas Dr. Leão Sampaio, CE

Resumo

Entre os anos de 2004 e 2006 a cidade de Maracanaú - localizada na Região Metropolitana de Fortaleza - protagonizou um movimento de juventude reivindicatório com diversas bandeiras concernentes a este público. Surgiu o Movimento Livre Arbítrio (MLA) com o objetivo estratégico de conquista da meia passagem estudantil intermunicipal e assim viabilizar o acesso às diversas políticas culturais e de juventude presentes naquela região. Diante deste fenômeno analisamos neste artigo a articulação que existiu entre este movimento e sua divulgação/mobilização via jornais estudantis promovidos pela ONG cearense “Comunicação e Cultura” nas escolas públicas daquele estado da federação.

Palavras-chave: jornalismo popular-alternativo; ONG; direitos sociais; movimentações de juventude.

Introdução

“Comunicação e Cultura” (CeC) é uma Organização Não-governamental (ONG) instalada em Fortaleza - Ceará, em 03 de março de 1991. Apesar de ter sido fundada oficialmente apenas na citada década, os primórdios da ONG datam de 1987, ano em que os seus idealizadores foram convidados pela Associação de moradores do Mucuripe³ para assessorar uma equipe de jovens que publicaria um jornal na comunidade.

Após esse fato, com o amadurecimento da proposta, surge a ONG Comunicação e Cultura e seu primeiro projeto: Jornais Comunitários Associados. Contudo, se durante a primeira metade da década de 1990 (1991 - 1994) o Comunicação e Cultura manteve-se com o objetivo de prestar assessoria aos mais diversos movimentos populares fortalezenses e da região metropolitana, foi a partir de 1994 que a atuação da ONG passou a ser vinculada à promoção da Educomunicação – através do jornalismo

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente da Faculdade de Ciências Aplicadas Dr. Leão Sampaio - FALS. Mestre em Políticas Públicas pela UECE. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas de Políticas de Cultura e de Comunicação – Cult.com vinculado ao CNPq. emails: alexandrenunes@leaosampaio.edu.br ; xandyjacs@hotmail.com

³ Importante bairro popular de Fortaleza.



impresso no âmbito escolar. Face à necessidade de adaptar-se àquela nova realidade a ONG Comunicação e Cultura (CeC) redefine sua missão, na seguinte perspectiva:

Promover atividades e projetos junto às populações de baixa renda do estado, em especial os (as) adolescentes, com o objetivo de contribuir com a formação destes para atuarem de uma forma crítica na sociedade mais justas, igualitária e solidária, particularmente no que diz respeito ao envolvimento na esfera pública e o exercício de direitos. Utilizando como recursos a comunicação alternativa e a mobilização social” (COMUNICAÇÃO E CULTURA, 2004).

A citada instituição propõe ainda, através da produção de “comunicação alternativa”, –especificamente o jornal estudantil- a incorporação de alguns ganhos do Estado democrático de direito que ainda se apresentam precários no interior das instituições públicas de ensino básico. Em especial a efetivação da liberdade de expressão. Neste contexto é que o Comunicação e Cultura deixa de lado o “*trabalho em comunidade*” para assumir esta nova demanda.

A entidade busca se afirmar, neste momento, como uma formadora de espaços públicos e gestão democrática na escola. Contudo, veremos que não chega a ocorrer essa cisão entre o jornalismo comunitário e aquele feito na escola. Sobre essa imbricação, um dos fundadores e atual coordenador geral da instituição, afirma que a atuação na área escolar não apagou as raízes de “Educação Popular” construída durante os anos de atuação diretamente junto às comunidades. Tal metodologia, segundo o coordenador, faz parte “da própria identidade institucional do Comunicação e Cultura” (COMUNICAÇÃO E CULTURA, 1999).

Esta é a tese que sustentamos em nosso artigo, pois apesar de estarem nas unidades de ensino, os jornais parecem transcende os *muros da escola* e acabam por se articular com outras instâncias políticas, em especial de juventude nas comunidades onde estão presentes.

O “clube do jornal” como jornalismo popular-alternativo

O “Projeto Clube do Jornal” (PCJ) tinha entre 2004 e 2006, período coberto por esta investigação, seu foco voltado para a efetivação da liberdade de expressão nas 123 escolas estaduais dos 31 municípios atendidos por suas atividades no estado do Ceará. Dentro do universo das 11 escolas vinculadas ao projeto na cidade por nós investigada, Maracanaú, delimitamos que seriam analisadas as vivências e produções jornalísticas



das instituições de ensino médio estaduais que publicaram pelo menos uma edição no período de nosso recorte temporal. Eles perfizeram, pois, um total de cinco grupos/jornais: *O verbo*, *Tanakara*, *Crtl. Alt. Del*, *GAMPH – Galera a mil por hora* e *Liberdade Jovem*.

Os grupos de alunos nas escolas, denominados “clubes”, são responsáveis pela editoração de seu próprio jornal, escolhendo o nome, a periodicidade e a tiragem. Este é publicado pela ONG no máximo uma vez por mês e distribuído na própria escola. Cada aluno recebe um exemplar. Em seu código de ética específico está determinado que as publicações devam promover os Direitos Humanos, não podendo ser utilizadas para promoção pessoal ou partidária, concedendo direito de resposta na mesma edição, não publicando textos anônimos, declarando tiragem e prestação de contas (RAVILOLO e LIRA, S/D).⁴ Estas configurações fazem com que a ONG intitule suas atividades como jornalismo alternativo e popular.

Neste mesmo sentido Peruzzo (1998) divide a comunicação popular em três correntes: 1) popular-folclórica: aquele tipo mídia que interpreta e publiciza o popular como “o universo das expressões culturais tradicionais e genuínas do ‘povo’, presentes nas manifestações folclóricas, festas, danças, ritos, crenças, costumes, objetos etc.” (IDEM, 118) 2. o popular massivo: o universo da indústria cultural como as telenovelas e programas de auditório como Silvio Santos e Faustão; o jornalismo “mundo-cão” como “aqui e agora”; e programas que abrem espaço para as reivindicações das comunidades e informações de utilidade pública.

A terceira corrente diz respeito ao popular-alternativo. Assim como nos diversos documentos disponibilizados pela ONG CeC, temos também nos referido ao jornal produzido pelos alunos da escola como uma “mídia alternativa”. Entretanto é necessário fazermos a distinção apresentada por Peruzzo (1998) entre a “imprensa alternativa” e “imprensa popular”. A autora conclui que muitos escritores acabam por igualar sem maiores distinções as duas mídias e terminam também por utilizar adjetivos correlatos como idênticos, tais como: imprensa comunitária, participativa, dialogal, horizontal, etc. Peruzzo explica ainda que o termo “imprensa alternativa” no Brasil tem uma conotação

⁴ Para uma discussão aprofundada sobre o projeto Clube do Jornal e a ONG Comunicação e Cultura ver Sousa (2008) e Barbalho e Sousa (2008).

muito específica e datada. Era a denominação utilizada para aqueles jornais dos anos 1970 que faziam oposição à ditadura militar. O termo seria também:

não o jornalismo popular, de circulação restrita, mas os periódicos que se tornaram uma opção de leitura crítica, em relação à grande imprensa, editorialmente enquadrada nas regras da censura imposta pelo regime militar, mais confortavelmente assentada na condição de monopólio informativo. Também chamada de imprensa ‘nanica’. São exemplos dessa época, entre outros veículos: *Posição*, *Movimento*, *Pasquim*, *Coojornal*, *Versus*, *Extra* (PERUZZO, 1998, p. 120).

Incorreríamos, portanto, num erro metodológico se traçássemos uma linha de continuidade entre aquela “imprensa alternativa” e o jornalismo estudantil surgido nos anos 1990. Uma vez que já no subtítulo do clássico livro de Bernardo Kucinski *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa* está expressa a idéia de ciclo terminado, de passado. Contudo, é o mesmo autor que abre caminho da utilização do termo para além daquela especificidade histórica. Quando define o “alternativo” como “algo que não está ligado à política dominante [...] uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; uma saída para situações difíceis” (1991, p.08), percebemos que é possível, sob as condições específicas de nosso tempo, a utilização da expressão “mídia alternativa” hoje. Todavia, não estamos querendo analisar o jornalismo estudantil contemporâneo por intermédio dos “padrões” do fazer jornal alternativo dos anos 1970. Pretendemos, contudo, apreender a potencialidade desta alternatividade à política dominante no cenário da atual juventude que edita sua própria mídia. Uma vez que estes estudantes tendem a por em movimento diversas forças culturais dentro e fora da escola, e que os mesmos têm em potencialidade um instrumento capaz de viabilizar “novo significado às interpretações culturais dominantes da política, ou desafia[r] práticas políticas estabelecidas” (DAGNINO, 2000, p. 23).

A distinção didática feitas por Peruzzo (1998) entre três tipos de imprensa popular, como é de se esperar, não se estabelecerá na realidade com linhas divisórias rígidas. Os jornais aqui analisados transitam entre os três tipos até mesmo em uma única edição. Logo, perceberemos que as teias de relações estabelecidas para a formação dos grupos nas escolas serão decisivas no “projeto editorial” das publicações e para as posturas político-culturais dos jovens dentro e fora da escola.⁵

⁵ Idem



Em suas reflexões mais contemporâneas, Peruzzo (2008) conclui que a comunicação alternativa no Brasil se recriar de forma extraordinária nos primeiros passos do século XIX. Em sintonia com os novos tempos e desafios, ela adere às novas tecnologias e é determinada por conjunturas bem diversas das vivenciadas no período dos governos militares. Contudo seu caráter alternativo permanece intocado, como expõe a autora:

Suas diferenças são percebidas na direção político-ideológica, na proposta editorial – tanto pelo enfoque dado aos conteúdos quanto pelos assuntos abordados (aqueles que, normalmente, não tinham espaço na grande mídia), abordagem crítica etc. –, nos modos de organização (de base popular, coletiva, no fundo do quintal de militantes) e nas estratégias de produção/ação (vínculo local, participação ativa, liberdade de expressão, uso mobilizador), entre outros aspectos (IDEM, 2008, p. 2).

Em outros termos, podemos dizer que a proposta da comunicação alternativa é criar espaços público (TELLES, 1999) de visibilidade e disputas onde o que está em jogo é a capacidade agendamento de questões historicamente negligenciadas tanto pelos governos como pela própria sociedade civil. Em momentos específicos, como veremos a seguir, parece ser esta a direção do Projeto Clube do Jornal.

Clube do jornal e o Movimento Livre Arbítrio (MLA)

O período entre os anos de 2004 e 2006 esteve intensamente marcado pelo diálogo entre os diversos jornais estudantis de Maracanaú e as manifestações promovidas pelo Movimento Livre Arbítrio (MLA).

Segundo os informantes, o MLA surge como um movimento de Maracanaú tendo por principal horizonte imediato a luta pela meia passagem intermunicipal na região Metropolitana de Fortaleza. Todavia, o movimento não encerrava seu agendamento de reivindicações nesta pauta. Como nos disse o ex-militante e coordenador do jornal *O verbo*:

O principal objetivo do MLA era a meia passagem intermunicipal. Que ela chegasse a todos. [...] E, além disso, tinha as bandeiras de diversidade sexual. De defender os direitos sexuais, tinha a bandeira de gênero, direitos das mulheres. Era um negócio muito amplo. Mas a principal mesmo era a luta pela meia municipal e os direitos sexuais de meninos e meninas homossexuais. E aí a gente fazia



formação nos colégios, na própria casa de uma das meninas que era coordenadora do MLA e tinha a própria formação da gente. A gente assistia filme, debatia.⁶

Todos os jornais pesquisados divulgaram de alguma forma as reivindicações, encaminhamentos e agendas do movimento. Além disso, havia sempre a participação de algum membro dos “clubes” nas reuniões e mobilizações promovidas pelo MLA, seja de forma mais engajada (caso de *O verbo*, *Tanakara* e *Liberdade Jovem*) ou com maior teor de “cobertura jornalística” (Caso de *GAMPH* e *Ctrl. Alt. Del.*).

Embora tenha sido o jornal que menos abordou as temáticas vinculadas ao Movimento Livre Arbítrio, o *Ctrl. Alt. Del.* foi, dentre as edições analisadas, o grupo que apresentou de forma mais completa o surgimento e das bandeiras daquele movimento. Estamos falando da matéria de capa de sua 5ª edição publicada em setembro de 2005. Nela podemos perceber de emergência e formulação da narrativa acerca do movimento. A matéria é iniciada com uma contextualização na qual é possível situar a percepção dos jovens acerca do município em que vivem e suas precárias políticas públicas:

Antes que qualquer galo pense em um grito tecer a manhã, os berros das máquinas têxteis que têm cortado por toda a noite um ciclo vital desumano já acordaram a cidade. Pessoas se revezando para produzir o que muitas vezes não podem comprar: roupas, bebidas e eletrodomésticos, são os principais produtos.⁷

Obviamente, as redatoras estão se referindo a um dos maiores pólos industriais do estado do Ceará presente no município do Maracanaú, o qual emprega boa parte não só da juventude, como de toda a população economicamente ativa daquela cidade. As rotinas repetitivas, os baixos salários e limitada perspectiva de melhoria na qualidade de vida são a tônica do artigo: “talvez pela pouca perspectiva que nossos pais tinham adquirido com esse estilo ‘operário’ de vida, gerou-se um senso comum de que ter o ensino básico e servir à indústria ou às atividades do comércio, já era suficiente”⁸. Esse consenso em torno do “operário-padrão” como meta de vida a ser atingida passa a ser questionado pelos jovens, quando começam a reivindicar mais que uma política de emprego e passam a refletir e divulgar informações sobre a ausência de equipamentos públicos que viabilizem outras políticas públicas, em especial culturais, naquele que é o terceiro município do Ceará em população:

⁶ Entrevista concedida em 05 de março de 2008.

⁷ Escrito por Jack e Mara. Publicado na 5ª edição do *Ctrl. Alt. Del.* em setembro de 2005.

⁸ Idem



Uma cidade com aproximadamente 200.000 habitantes, ganhou um shopping center, mas espera ainda por um teatro. O povo [...] não se manifesta por um centro de cultura ou uma biblioteca bem estruturada [...] tudo é tão lento. Não há um canal de TV local, não há um jornal ou rádio livre dos interesses da administração pública municipal. Agonizam algumas outras manifestações.⁹

Note-se que todo o discurso do texto gira em torno da ausência de políticas de cultura e de comunicação, tanto estatais como da sociedade civil. Diante deste “vácuo” de mobilização político-cultural constata-se a emergência de um duplo movimento. O primeiro diz respeito à absorção de algumas ações culturais para dentro da órbita do mercado como os shoppings, os cinemas, etc. Já o segundo movimento fala da emergência de um grupo de maracanaenses que tanto reivindica as transformações culturais na sociedade civil (com as bandeiras feministas, LGBTs, negras) como por parte do Estado, principalmente referente ao respeito do exercício do direito constitucional de ir e vir, através da meia-passagem metropolitana. Essa bandeira se torna essencial para o movimento principalmente se levarmos em conta que entre 2004 e 2005 os principais equipamentos culturais e de educação superior do Ceará estavam localizados em Fortaleza e que eram quase inexistentes em Maracanaú. Como nos revela a ex-coordenadora do jornal *Tanakara*:

Era uma coisa que mexia muito com o orgulho dos estudantes não ter como vir para cá [Fortaleza]. Para além das questões bonitas, educacionais que a meia passagem proporciona, tem também a questão do lazer. Do acesso mesmo a vir ao centro de Fortaleza. Porque para quem mora em Maracanaú, antes da meia passagem ser criada, era muito restrito ao trem [...] Hoje que tem a meia passagem ainda é restrita imagine naquele tempo.¹⁰

É neste contexto de inviabilização do acesso às políticas de Estado, bem como a vontade de tencionar propostas político-culturais para aquela realidade municipal, que emerge na cena cultural de Maracanaú o Movimento Livre Arbítrio (MLA), como está descrito ainda naquela matéria de capa do jornal *Ctrl. Alt. Del*:

Alguns estudantes, trabalhadores e desempregados, tinham em comum além do sentimento de indignação pelo quadro em que se encontrava a cidade [de Maracanaú] o hábito de assistir nos fins de semana o vai e vem das pessoas ao som das músicas ordinárias e sexistas e o ritmo da violência crescente e banalizado [...] Amigos de longa data e com um gosto musical em comum e um olhar crítico sobre o meio em que vivem resolveram montar um grupo no qual fossem debatidos meios de intervir na comunidade [...] essa geração influenciada pelo rock, fanzines

⁹ Idem

¹⁰ Entrevista concedida em 10 de março de 2008



e que teve acesso a atividades de movimentos anarquistas, comunistas, punk, etc. viam uma alternativa a esse senso comum e ao capitalismo como um todo.¹¹

As diversas filiações ideológicas (ou até mesmo a não-filiação) vão convergir para aquele já anunciado ponto em comum que afligia a juventude do município: o alto custo do transporte intermunicipal. Sobre o tema aquela mesma reportagem continua:

Das experiências de intervenções e reuniões [do movimento] percebeu-se a necessidade de um foco de atuação no qual houvesse a possibilidade de uma garantia concreta de direito. Dentro de vários problemas da juventude do município diagnosticamos que o acesso à educação profissionalizante ou superior ou a qualquer outro emprego que não fosse o industrial estava comprometido para as pessoas da região metropolitana de Fortaleza, no Ceará, devido ao alto custo da passagem. A partir desta constatação decidimos apostar na luta pela meia passagem estudantil metropolitana.¹²

Via de regra os participantes do jornal estavam presentes nessas formações e reuniões de deliberação do MLA. Dessa forma o jornal, em alguns casos, não só “cobria” os acontecimentos, mas também fazia parte da construção das mobilizações. Era o caso do *Tanakara*:

O jornal gostava sempre de estar informado sobre como estava o andamento do processo que estava tramitando na assembléia legislativa. Aí existiam pessoas de dentro do Clube que participava do movimento. Aí pessoas de dentro do clube toda vida traziam informativos trazidos do movimento. E o clube [do jornal] também serviu para aumentar o número de pessoas dentro do movimento. Porque a partir do momento que uma pessoa ia lá trazer os informativos essa pessoa ia começava a participar ativamente¹³.

Essa participação ativa nas reuniões não quer dizer que todos os estudantes que faziam o jornal aderiam ao MLA e suas bandeiras de luta. Neste sentido o “clube do jornal” na escola parece ser um “terceiro espaço” diferente de todos os outros que viabilizaram a sua constituição, tais quais a escola, a ONG e as outras organizações de juventude fora da escola.

Ao ser implementado, o Projeto Clube do Jornal (PCJ), passa a ser potencialmente um espaço que vivencia as disputas entre, no mínimo, três *habitus* distintos: o da ONG, o da escola e o dos jornalistas estudantis. A categoria pertence ao sociólogo francês Pierre Bourdieu (2005), que entende o *habitus* como um agrupamento de disposições que operam em seus agentes como uma segunda natureza, ainda que esta seja uma

¹¹ Escrito por Jack e Mara. Publicado na 5ª edição do *Ctrl. Alt. Del* em setembro de 2005.

¹² Idem

¹³ Entrevista concedida em 10 de março de 2008



natureza adquirida socialmente. Os *habitus*, portanto “são diferenciados; mas são também diferenciadores. Distintos e distinguidos [...] são geradores de práticas distintas e distintivas” (BOURDIEU, 1997, p. 14).

Dessa forma, nossa percepção é de que o “clube do jornal” não se reduz (mas também não exclui) à instituição educacional tencionando outras as visões de mundo e políticas culturais elaboradas e disputadas pelos jovens em seu cotidiano - *não apenas escolar*.

Enfatizamos o caráter da abordagem “para além da escola” no sentido de que, apesar de estar *na* escola, não compreendemos o Jornalismo Estudantil como uma política cultural que emana “*da* escola” ou “*da* ONG” promotora. Pois apesar de ser inquestionável o papel destas duas instituições na viabilidade do projeto (seja na questão financeira, pedagógica ou material), o que percebemos foi o caráter *sui generis* do espaço que esse tipo de mídia proporciona. Ou seja, um *locus* no qual pode até haver as influências dos educadores nos processos de feitura dos exemplares, mas não de forma mecânica e reprodutivista como se fosse estabelecida uma correia de transmissão.

Em poucas palavras, o que percebemos foi uma complexidade das teias de relações e significados que se formam quando o jornal é instituído. Utilizamos a metáfora da teia para denotar exatamente a fragilidade das interlocuções que se estabelecem num local onde tende a existir a permanente tensão entre a tessitura de um espaço inédito e a hibridação de antigas e novas visões de mundo. Aproximando-se com o que Bhabha chama de um “terceiro espaço”. Seria algo novo e diferente dos que o constituíram, nos termos do autor:

A importância da hibridação não é ser capaz de rastrear os dois momentos originais dos quais emergem um terceiro. Para mim a hibridação é o “terceiro espaço” que permite às outras posições emergir. Este terceiro espaço desloca as histórias que o constituem e gera novas estruturas de autoridade, novas iniciativas políticas [...] o processo de hibridação cultural gera algo diferente, algo novo e irreconhecível, uma nova área de negociação de sentido e representação (1996, p. 36-37).

Entretanto, embora esta nova área de negociação de sentidos gere um novo espaço, este não está “imune” às disposições que os agentes carregam e que foram adquiridas em “espaços” anteriores. Estas confluências aparecem, para os agentes, como locais nos



quais suas vivências, valores e visões de mundo são visibilizadas e até mesmo interpeladas. Como diz Girardi Jr., estes agentes não chegam “vazios” nestas iterações:

“O espaço de interação não parte do zero, os agentes chegam à interação com a sua história nesses espaços. A história dos agentes são as suas disposições em estado prático, o *habitus*. É com elas que jogam e chegam aos movimentos lúdicos ou dramáticos da interação. Os espaços de mobilização são na verdade mercados simbólicos em que o *habitus* é mobilizado.” (2007, p. 229).

Logo, o jornal estudantil como um “terceiro espaço” tem uma dinâmica própria e que, apesar de parecer sofrer uma grande influência das movimentações de juventude, tende a possuir uma relativa autonomia em relação tanto a estas como às outras instituições com escola e ONG.

Tendo em vista esta configuração é possível entender por que a simples tentativa de transposição do *habitus* do MLA para dentro do cotidiano do grupo, mesmo tendo diversos participantes em comum, não foi uma tentativa bem sucedida dentro dos jornais. Sobre o tema a ex-coordenadora do *Tanakara* afirma:

A gente sempre fazia roda de formação política dentro do movimento livre arbítrio. Eu tentava levar a formação política para dentro do clube, mas na realidade o pessoal não tinha muito o hábito de ler. E para fazer formação política tem que ler alguns livros. E o pessoal queria fazer a façanha de escrever artigos sem ter o hábito de leitura. Não que eu tivesse um [grande] hábito de leitura, mas de vez em quando eu lia um outro texto. Aí a gente sempre entrava em contato com outros autores.¹⁴

É evidente que os problemas acerca do hábito de leitura são gravíssimos no Brasil, entretanto a questão da citada dificuldade na “formação política” transcendia a não-leitura dos textos. Esta fala é da ex-coordenadora que em outro momento afirmou que os participantes não se interessam pelo jornal como um instrumento de luta maior, de construção democrática, do socialismo. Ora, o que parece estar em jogo aqui é a resistência dos outros integrantes frente ao possível aparelhamento do jornal junto ao MLA ou outros movimentos de juventude. Compreendemos que por mais legítimas que fossem as bandeiras do movimento elas não eram idênticas às do jornal na escola. Em outros termos: assim como o jornal estava na escola e não era da escola, a publicação também estava presente no movimento, mas não era do movimento.

Tais conflitos dentro dos “clubes” mostram mais uma vez que nem todos os estudantes aderiam a uma diretividade unívoca de ideologia, seja de esquerda ou de

¹⁴ idem



direita. A presença dessa diversidade de pensamentos dentro da publicação parece ser um dos impulsos-chave promovidos pela ONG com vistas à publicização das diferenças. Diferença esta que inclui a opção por não participar do movimento de juventude fora da escola. Como nos expõe a ex-coordenadora do *Liberdade jovem*:

Eu nunca gostei muito de querer participar desses movimentos estudantis fora. E eu sempre tive um pouco de receio [...] Já o [editor do jornal] era muito dedicado ao Movimento Livre Arbítrio. Ele sempre teve aquele espírito muito revolucionário dele. No jornal tinha gente espírita, católica, protestante, só que a gente nunca teve nenhum choque com relação à religião. Já em relação à política era diferente. [O editor] era o mais envolvido com a política. Ele e o [desenhista do jornal]. O [desenhista] era mais de teoria. O [editor] não era só de teoria. Ele gostava mesmo era de agir. Ele ia mesmo, encarava. Ele admirava muito o socialismo. [...] Teve uma época que eu peguei uma discussão com [ele] devido ao socialismo [...] Aí a gente ficou um tempão sem se falar, mas depois a gente voltou.¹⁵

Notemos que na fala da estudante a filiação religiosa não aparecem imediatamente como conflituosa talvez por aquela questão expressar certo consenso, dentro do grupo, em relação ao direito às liberdades individuais presentes não só no código de ética do jornal, mas no próprio *habitus* democrático proposto pela ONG. Já em relação às filiações imediatamente eleitas por eles como “políticas”, o consenso, ou se quisermos utilizar os termos de Arendt (1994) os sentidos da política (compreendida como filiação ideológica), ainda não estabeleceu um significado relativamente estável.

Percebemos que este conflito em torno da política é caracterizado pela sua permanente latência exatamente pelo fato de, ao contrário da religião, haver um ator (no caso o MLA) que tenciona e questiona os sentidos e limites dessa própria política. Política esta, a nosso ver, eivada de cultura. Tem-se a interpelação entre cultura e política.

Como apontamos acima, apesar de serem entidades com estatutos diferentes, o jornal sendo um meio de comunicação e o MLA um movimento, não eram poucos os pontos de convergência entre ambos. Tanto é verdade que somente esses pontos de convergência poderiam tencionar a supracitada tentativa de indiferenciação entre ambos.

No mais, o movimento também é visto como uma inspiração para muitos dos participantes dos “clubes”. Como nos afirmou o então coordenador do jornal *O verbo*: “O MLA servia como fonte. Como motivação para a luta no MLA e para a luta no

¹⁵ Entrevista concedida em 11 de janeiro de 2008



Clube do Jornal pra quem participava dos dois. E era um movimento onde a gente estava sempre bebendo das idéias.”¹⁶. Seja apenas como cobertura jornalística, seja como militante, o Clube do Jornal sempre aparece como importante elemento de divulgação das pautas do movimento:

Então a gente do jornal ficava sabendo dessas manifestações e era estabelecida aquela rede de informações [...] todo mundo se comunicando, percebendo que eram causas importantes para a juventude. Então a gente sempre procurava estar divulgando para todo mundo. Teve uma manifestação na [avenida] treze de maio até a Assembléia Legislativa e a gente chamou todo mundo para conversar sobre a questão da [meia passagem] metropolitana. A gente chamava todas as escolas. Os jornais de Maracanaú e de Fortaleza foram. Algumas pessoas também de Itaitinga, Aquiraz. Teve algumas reuniões que foram na sede do Comunicação e Cultura. Agora lá nunca teve uma pessoa para dizer assim: você vai para tal canto¹⁷

Esta manifestação em direção à Assembléia Legislativa, presente nas edições publicadas no segundo semestre de 2005, talvez tenha sido a maior mobilização daquele movimento. A participação massiva dos estudantes, deu-se dentro outros motivos pela possibilidade de indeferimento do projeto que regulamentaria a meia passagem intermunicipal. Sobre a ocasião relembram os então coordenadores dos jornais *O verbo* e *Tanakara*, respectivamente:

Existiam outros movimentos em Maracanaú e aí tal hora o MLA sentiu a necessidade de juntar forças para que fosse conseguida pelo menos a proposta de meia passagem metropolitana cheia de recortes, altamente esquartejada do jeito que estava tramitando na Assembléia legislativa. Porque nem isso ia ser aprovado [...] E aí todo mundo se juntou. Fez a frente de luta e tal. Depois da frente de luta é que foi pancada [sic]. Grito lá dentro daquela assembléia legislativa. [...] E depois disso tudo foi aprovada a meia e faltava só a parte de implementação.¹⁸

O Movimento Livre Arbítrio ainda tinha uma grande aceitação em Maracanaú. A gente ainda tinha lutas muito fortes. Fazia grandes manifestações com trinta mil pessoas aqui em Fortaleza, na assembléia legislativa. Nem lembro o tanto que eu gastei de dinheiro, o tanto que eu lutei, que eu perdi tempo, disposição e saúde nessa assembléia legislativa.¹⁹

Conquistado, muito parcialmente²⁰, aquele direito, o MLA começou a se dispersar tendo seus militantes sido absorvidos por outras organizações, movimentos e partidos

¹⁶ Entrevista concedida em 10 de março de 2008

¹⁷ Entrevista concedida em 20 de junho de 2008.

¹⁸ Entrevista concedida em 05 de março de 2008.

¹⁹ Entrevista concedida em 10 de março de 2008.

²⁰ O tom de decepção da ex-participante do Clube do Jornal é similar dentre todos os outros entrevistados. Embora tenha sido implementada, a bandeira da meia-passagem levantada pelo MLA, amplamente divulgada e debatida pelos jornais estudantis, ao adentrar o processo formal de negociação política na Assembléia Legislativa foi completamente empobrecida. Uma vez que a reivindicação dos estudantes dizia respeito à utilização ilimitada da meia estudantil tendo em vista o acesso aos equipamentos culturais da Região Metropolitana de Fortaleza tais quais centros culturais,



políticos. Acontecimento semelhante ocorreu no mesmo período com aqueles estudantes mais à frente dos jornais na escola. Segundo os entrevistados, muitos deles, depois do fim do MLA e também com a precarização das atividades do Comunicação e Cultura, acabaram por se engajar em alguns destes outros movimentos ou instituições. É importante ressaltar que este momento já diz respeito ao início do ano de 2006, ano em que a ONG Comunicação e Cultura diminuiu drasticamente suas atividades devido ao não-repasse dos recursos financeiros previsto pela Secretaria de Educação do Ceará - SEDUC. Encerrava-se um ciclo de atividades no qual o Clube do Jornal era um projeto prioritariamente desenvolvido junto a jovens estudantes de ensino médio e possuía essa rica teia de relações, apenas parcialmente, aqui apresentada.

Algumas considerações finais:

Os jornalistas estudiantis concluíram o ensino médio, o MLA terminou, o Comunicação e Cultura remodelou suas atividades e os *jovens mais vinculados à liderança* no PCJ foram ocupar outros espaços (universidade, partidos, outras ONGs) levantando, nestes outros contextos, suas bandeiras minoritárias²¹ e político-culturais. Pois como afirma Barbalho:

Compreender os jovens como potenciais minorias é entender que o seu devir apresenta-se como uma linha de fuga, numa sociedade modelada pelos valores daquilo que se estabeleceu como “adulto”, “maduro”- em especial, se esse devir comunga com outros, como negro, o feminino, o homossexual, além de questões de classe. (BARBALHO, 2006, p. 9-10)

Parece ter sido este o caso da parceria entre Clube do Jornal e MLA. Entretanto, não é possível afirmar que todos ou a maioria daqueles participantes permaneceram nestas lutas, pois como afirma Canclini (2005), compreender as manifestações descontínuas e fragmentárias das juventudes contemporâneas é compreender basicamente o signo do nosso tempo. Isso não quer dizer necessariamente que haja uma desmobilização dos jovens e de suas formas de organização. O mesmo autor ressalta ainda que os jovens de hoje estão mais dispostos a participar de *causas* que de

teatros, cursos de línguas, etc. Ao contrário disso, o texto aprovado permitiria apenas a utilização da carteira de estudante no máximo duas vezes por dia e apenas de segunda a sexta-feira. Sua confecção ficou ainda restrita para aqueles estudantes que comprovassem matrícula na rede de educação básica ou superior exclusivamente do município de Fortaleza. Restringia-se assim, a concepção de estudante à educação formal, que por sua vez é completamente diferente da política cultural tencionada pelo MLA e pelos jornais naquela época, a saber: a compreensão do estudante em processo de aprendizado para além dos muros da escola e do município.

²¹ Não cabe neste momento refinar a discussão de juventude como minoria. Para tanto vide Barbalho (2005) e Sodré (2005).



organizações, ou seja, eles aderem às movimentações e não necessariamente a projetos institucionalizados. Neste contexto, dentre os entrevistados é unânime a contribuição do Jornal estudantil para o estabelecimento de processo de participação e (re)construção de cidadanias e democracias alternativas.

Referências bibliográficas

ARENDDT, H. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume- Dumará, 1994.

BARBALHO, A. Cidadania, minorias e mídia: ou algumas questões postas ao liberalismo. In BARBALHO, A.; PAIVA, R. **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

BARBALHO, A; SOUSA F. **Jornalismo estudantil descolecionando as culturas jovens**. In. IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – ENECULT 2008, Salvador. Anais... Salvador, ENECULT, 2008. CD-ROM.

BHABHA, H. O terceiro espaço. **Revista do patrimônio histórico e artístico nacional**. s/l: n°24, 1996.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 8 ed. Lisboa: Difel, 2005.

_____. **Razões práticas**. Papirus: São Paulo, 1997.

CANCLINI, N. **Diferentes desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

COMUNICAÇÃO E CULTURA. **Projeto Clube do Jornal**: editoria de igual para igual – Protagonismo juvenil na construção de relações de gênero mais igualitárias e no enfrentamento da violência contra a mulher. s/e: Fortaleza, 2004.

_____. **Clube do jornal escolar**: uma experiência do protagonismo juvenil nas escolas públicas do Ceará. Fortaleza: Comunicação e Cultura, 1999.

DAGNINO, E. Cultura, cidadania e democracia: as transformações nos discursos e práticas da esquerda latino-americana. In ALVAREZ, S; DAGNINO, E. ESCOBAR, A. **Cultura e política nos movimentos sociais latino americanos**: novas leituras. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

GIRARDI Jr, L. **Pierre Bourdieu**: questões de sociologia e comunicação. São Paulo: FAPESP/Annablume, 2007.

KUCINSKI, B. **Jornalistas e Revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Scritta/ Página aberta, 1991.

PERUZZO, C. **Aproximações entre comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço**. In Anais do XXXI Encontro de Ciências da Comunicação. São Paulo, INTERCOM, 2008. CD-ROM.

_____. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação a construção da cidadania. Petrópolis: vozes, 1998.



RAVIOLO, D. e LIRA, J. **Ética no jornalismo escolar**. Fortaleza: Comunicação e Cultura: 1998.

SODRÉ, M. Por um conceito de minoria. In BARBALHO, A.; PAIVA, R. **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

SOUSA, F. **Políticas culturais e juventude: tensões e mediações construindo o jornalismo estudantil**. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade) –Universidade Estadual do Ceará, 2008.

TELLES, V. Política e espaço público na construção do “Mundo Comum”: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt in _____. **Direitos sociais: afinal do que se trata?** Belo Horizonte: UFMG, 1999.